

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



Sessão 15 – 24 de Maio 2018 | LISZTOMANIA (1975)



Ken Russell, a música e os compositores, os "clássicos" e os "Pops", os mitos alheios e a megalomania própria, tudo isso é do conhecimento de todos de há uns anos a esta parte. Ainda no tempo em que permaneceu na B.B.C., Russell definiu interesses e um estilo, ao trabalhar sobre a vida de alguns compositores célebres, como Debussy, Bartok, Prokofiev. Depois, a sua estreia no cinema é mais tradicional.

Para lá de "French

Dressing" (que permanece inédito entre nós), "Um Cérebro por um Bilião", se bem que denunciando uma personalidade pouco ortodoxa no âmbito do filme de espionagem, não anunciara, todavia, a futura trajetória de Russell.

"Mulheres Apaixonadas", que será, possivelmente, um dos seus melhores filmes, quer pela recriação do ambiente, quer pela segurança da descrição de uma época (o século XIX em Inglaterra), "Delírio de Amor", turbulenta biografia de Tchaikovski, ou "Os Diabos", reconstituição violenta e vigorosa de um caso de "caça às bruxas" (Urbain Grandier, queimado vivo em 1634, em Loudun, sob a acusação de feitiçaria e de ser responsável pela "possessão demoníaca das dezassete freiras de um convento"), já prenunciavam, aqui e ali, o estilo excessivo, desregrado, paroxística de Ken Russell.

"The Boy Friend" iniciará uma pausa neste caminho agressivo e provocatório, que seria logo retomado em "O Rebelde Genial", nova biografia tumultuosa, desta feita, do escultor francês Henri Gaudier, que viveu e morreu em princípios do século XX, perante a eclosão da I Grande Guerra.

"Mahler, Delírio Fantástico", possivelmente o pior filme da carreira de Russell, até "Lisztomania", procura conciliar estilos e tons totalmente inconciliáveis, atingindo o mau gosto do rodriguinho e da simbologia mais primária.

"Tommy", que data de 1975, parece culminar uma procura estética que se norteia por uma escrita nevrótica, pela utilização por vezes gratuita de imagens "chocantes", pela obsessão do ritmo forte, pela interpretação psicologista das personagens. Adaptando uma famosa "ópera rock" da autoria de Pete Townshend e dos The Who, com Roger Daltrey no protagonista, "Tommy" é uma viagem vertiginosa que utiliza o "kitsch" e o "pop", a mitologia popular contemporânea, o caos, a agressividade, o misticismo, como catarse para um pesadelo que traumatiza a humanidade. Na verdade, será todo o ambiente da II Guerra Mundial, a morte de seu pai, a hipocrisia das relações humanas, o absurdo das convenções, será tudo isto que traumatiza Tommy e de que ele se procurará libertar, exercitando o mal através da música, substituindo-se, todavia, aos velhos mitos. Espetáculo provocatório e agressivo, traumatizante por excelência, "Tommy" insistia nalguns erros e vícios de Ken Russel: desordem de imagens, certa gratuitidade, uma exasperante mudança de estilo sem qualquer justificação.

As grandes oscilações, o frenesim de Ken Russell prossegue, agora, um pouco mais disciplinado, é certo, mas como sempre polémico, com a adaptação ao cinema da biografia de Franz Liszt, a que, certamente em referência a si mesmo, Russell chamou “Lisztomania”. A meio caminho entre as aventuras de “Tom Jones” e de “The Rocky Horror Show”, revisitando muitos mitos da história da cinematografia mundial, oscilando entre o exotismo e o erotismo, “Lisztomania” não procura nunca “ilustrar”, de forma tradicional a vida do compositor húngaro, mas sim recriá-la. Sobretudo as relações que se estabelecem entre Liszt e Wagner permitem a Russell as mais delirantes conjecturas, ainda que baseadas em episódios concretos da vida dos dois compositores. Assim Wagner é acusado de roubar a música a Liszt (Wagner surge-nos como um vampiro, sugando a inspiração de Liszt), ainda na sua época revolucionária (Wagner concilia o traje de marinheiro do Potemkin e a legenda de Nietzsche). Posteriormente, na euforia nacional-socialista, Wagner será simultaneamente Drácula e o barão de Frankenstein, criador de monstros. Das suas mãos sairá um ameaçador Hitler que invadirá a Europa, de guitarra eléctrica em punho, deixando atrás de si um pavoroso cenário de destruição e morte. Será ainda a música de Liszt, descendo das alturas, numa aeronave celestial,



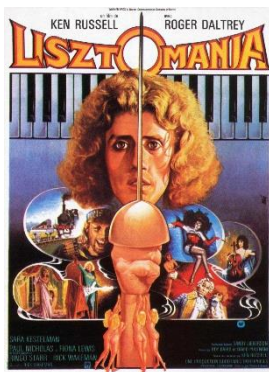
que virá abater-se sobre o monstro ávido de ruínas e serenar a Humanidade.

Frankenstein e Drácula já foram referidos. Eles aparecem como símbolos e como metáforas cinematográficas de uma época. Os “musicais” de Busby Berkeley (que Russell já havia homenageado em “The Boy Friend”) regressam nalgumas sequências de uma monstruosa vulgaridade (todo o filme é atravessado por um certo complexo de impotência, que se exprime por uma por uma falocracia omnipresente, culminando numa sequência que recorda uma outra de “A Laranja Mecânica”, de Kubrick). Também Chaplin aparece, numa citação poética

bastante bem conseguida, sobre os amores de Liszt. E as “teenagers” que ovacionam a sua música, em concertos que recordam as apresentações actuais das vedetas rock.

A megalomania, o excesso, o projecto desmedido continuam a ser a tônica de Ken Russell. Com “Lisztomania” o estilo consegue uma certa unidade. Russell domina, com alguma dificuldade, é certo, os seus impulsos, mas a verdade é que cada vez mais se aproxima o dia em que este cinema se encontrará esgotado, Qual será depois o destino deste cineasta controverso, que emergiu fragorosamente no panorama tradicional da cinematografia britânica, quebrando regras e convenções, e desenhando uma trajectória em certas ocasiões apaixonante, noutras detestável. Muitas vezes concentrando tudo isso numa mesma obra, como é o caso de “Lisztomania”.

Texto de Lauro António



LISZTOMANIA

Título original: Lisztomania

Realização: Ken Russell (Inglaterra, 1975); **Argumento:** Ken Russell; **Produção:** Roy Baird, Sanford Lieberman, David Puttnam; **Música:** Rick Wakeman (além de Franz Liszt e Richard Wagner); **Fotografia (cor):** Peter Suschitzky; **Montagem:** Stuart Baird; **Design de produção:** Philip Harrison; **Guarda-roupa:** Shirley Russell; **Maquilhagem:** Colin Jamison, Wally Schneiderman; **Direcção de Produção:** Richard Green, Peter Price; **Assistentes de realização:** Jonathan Benson, Terry Needham, Gareth Tandy; **Departamento de arte:** John Allenby, Terry Apsey, Ian Whittaker, Michael Guyett; **Som:** Iain Bruce, Charlie McFadden, Terry Rawlings, Bill Rowe; **Efeitos especiais:** Colin Chilvers; **Companhias de produção:** Goodtimes Enterprises, Visual Programme Systems; **Intérpretes:** Roger Daltrey (Franz Liszt), Sara Kestelman (Princesa Carolyn), Paul Nicholas (Richard Wagner), Ringo Starr (o Papa), Rick Wakeman (Thor), John Justin (Conde de Agoult), Fiona Lewis (Marie d'Agoult), Veronica Quilligan (Cosima), Nell Campbell (Olga Janina), Andrew Reilly (Hans Von Buelow), David English (Capitão), Imogen Claire (George Sand), Rikki Howard (Condessa), David Corti (Daniel), Anulka Dziubinska (Lola Montez), Lucy Willers (Blondine), Felicity Devonshire (Governanta), Murray Melvin (Hector Berlioz), Aubrey Morris

(Manager), Andrew Faulds (Strauss), Ken Parry (Rossini), Kenneth Colley (Frederic Chopin), Otto Diamant (Felix Mendelsohn), Georgina Hale (Alma Mahler), Oliver Reed (criado da Princesa Carolyn), Harry Fielder (homem em pausa), Izabella Teletzynska (Nadezhda von Meck), etc. **Duração:** 103 minutos; **Distribuição em Portugal:** Columbia e Warner (filme); **Distribuição em Portugal (DVD):** inexistente; **Distribuição DVD:** CineClub Channel (Espanha); **Classificação etária:** M/ 18 anos (na estreia) M/ 16 anos (DVD); **Estreia em Portugal:** Cinemas Berna e Caleidoscópio (1976).